

Passado a Limpo

para o resgate de realizadores, movimentos, obras, e gestos soterrados...

Autor do recente *La Nouvelle Vague, une école artistique* (Nathan, 1997), Michel Marie, professor na Paris III - Nouvelle Sorbonne, conhece minuciosamente esse movimento decisivo do cinema moderno. Quando solicitado a integrar o catálogo de uma retrospectiva no Centro Pompidou, *Paris vu par le cinéma d'avant garde, 1923-1983* (Paris Expérimental, 1985), propunha este artigo revelador não só mostrar a presença da cidade naqueles filmes, como também o processo criativo daquela jovem geração. Resolvemos publicá-lo porque ele deixa claro, com erudição e riqueza de detalhes, muito além da herança sensível e inequívoca do mestre comum que lhes foi André Bazin, o engajamento dos cineastas com o espaço de suas próprias experiências de vida. Não se impressione o leitor com a profusão dos logradouros desconhecidos para quem não conhece bem a cidade-luz. Sirva-se apenas dos conteúdos de experiência a que o autor se refere, e tente imaginar por analogia o quanto as cidades brasileiras que conhecemos têm passado incólumes pela filmografia nacional. Considero particularmente instrutiva a estratégia pela qual Marie discute a criação de imagens a partir da prática do roteiro, momento sobre o qual hoje entre nós paira especial atenção, devido ao diagnóstico de que nele reside uma carência maior do cinema brasileiro. Em nossos descaminhos atuais, de produções complicadas e muito dispendiosas, podemos nos inspirar neste contra-exemplo histórico.

Rubens Machado Jr.

